

Banqueiros esperam aval do FMI para negociar a dívida do Brasil

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O fantasma do fracassado Plano Cruzado estará rondando a mesa de negociações em Nova York onde, no fim deste mês, o Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, discutirá com os banqueiros privados a questão da dívida externa brasileira. Por isso, a não ser que ele leve no bolso um aval do Fundo Monetário Internacional, ou alguns resultados concretos de seu novo plano econômico, o Brasil não conseguirá o dinheiro que precisa para financiar seu crescimento e saldar suas obrigações.

Essa advertência é de Larry Summers, Professor de Economia na Universidade de Harvard e que, como dezenas de outros acadêmicos americanos, passou a acompanhar de perto o caso brasileiro nos últimos anos. Ele tem sobre os outros economistas, que vêm se envolvendo cada dia mais no assunto, um trunfo razoável: antes do Plano Cruzado ter sido colocado em prática, no ano passado, Summers previu o seu fracasso.

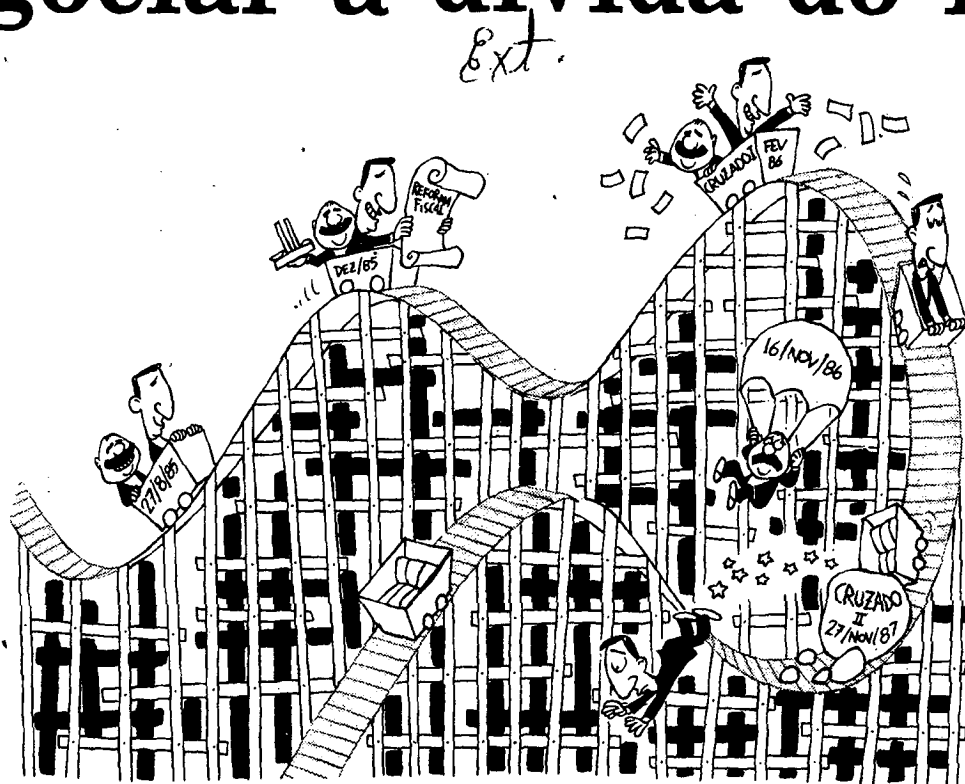
Com a autoridade que esse acerto lhe confere, ele afirmou — em entrevista ao GLOBO — quinta-feira passada, que os credores já não aceitam mais apenas uma manifestação de boas intenções do Governo brasileiro, em troca de novos empréstimos. Eles querem fatos palpáveis:

Essa próxima negociação vai depender muito das alternativas a serem apresentadas pelo Brasil. O Governo vai ter de arcar, agora, com um dos custos mais altos dos erros contidos no Plano Cruzado: quando você faz um esforço considerável para conter a inflação, e falha... você perde a credibilidade. E é difícil que, depois disso, alguém acredite na sua próxima tentativa, disse Larry Summers.

Segundo ele, a moratória declarada no fim de fevereiro passado poderia ser encarada de maneira construtiva — do ponto de vista do Governo brasileiro — se esse gesto não tivesse sido seguido por um volume excessivo de problemas estruturais de ajuste.

Eu acho que, no fundo, a memória das pessoas é relativamente curta e, por isso, o Brasil ainda poderá recuperar uma parte de sua credibilidade a tempo. Mas também acredito que será muito difícil, nas atuais conversas, que haja muita confiança dos credores nas palavras dos funcionários brasileiros, comentou o economista.

Larry Summers não crê que a simples apresentação do Novo Plano Cruzado seja um argumento suficiente



para garantir uma boa renegociação. O motivo, segundo ele, é simples: será mais um pacote de idéias a ser atirado a um grupo de pessoas (os banqueiros) que foram obrigadas a separar cerca de US\$ 20 bilhões de suas reservas só para cobrir os prejuízos do segundo trimestre deste ano, devido à falta de pagamento dos devedores.

Ele sequer se dá ao trabalho de analisar detalhadamente o novo programa. Para Summers, a essência é quase idêntica ao do anterior:

— Eu não acho que o Novo Plano represente uma mudança capaz de transformar a situação da noite para o dia. Esse novo programa poderá, talvez, alterar um pouco a forma de funcionamento de certas áreas. Mas, a esta altura, há muito ceticismo. E ainda vai-se levar um bom tempo para dissipá-lo, afirmou Summers.

— Eu acho que, para chegar a um bom resultado, será necessário encontrar uma engenhosa solução política que inclua uma maneira de se contar com o monitoramento do FMI sem que, ao mesmo tempo, essa presença do Fundo cause abalos dentro do Brasil, sugeriu o economista.

Ele acredita que a supervisão do novo programa econômico poderia vir a ser feita indiretamente pelo FMI, ou através de um organismo como o Banco Mundial, que serviria como uma espécie de fachada:

— Com isso, a imagem do FMI não ficaria visível. Mas, ao mesmo tempo, os credores passariam a ter mais confiança no País. Acho que o Brasil tem potencial suficiente para se recuperar rapidamente, e todos os credores também sabem disso. Mas a situação chegou a um ponto tal que, para se conseguir uma negociação conveniente, não se poderá descartar completamente a presença do FMI, disse Summers ao GLOBO.

Para o catedrático de Harvard, essa saída é perfeitamente viável e conseguiria despertar, de imediato, um gesto mais generoso dos banqueiros privados:

— Essa gente não anda mais disposta a emprestar dinheiro novo. Francamente, é muito difícil conseguir que alguém dê mais dinheiro agora, quando a dívida velha está sendo desvalorizada no mercado secundário, onde cada dólar da dívida brasileira é negociado, a terceiros, por 60 centavos de dólar, argumentou Summers.

Segundo ele, todo esse sofrimento poderia ter sido evitado se o Plano Cruzado tivesse sido mais audacioso e atacasse realmente uma das causas que os economistas americanos — de maneira geral — consideram o grande entrave ao avanço do País: o déficit público.

— Sabe por que o Plano Cruzado falhou? A resposta é muito simples: é

que não foi feito nada substancial para reduzir o déficit do Governo. Houve, na verdade, uma política de pressão para reduzir esse déficit, mas ficou só nisso. O controle dos preços ajudou a derrubar a inflação, e enquanto ela ia caindo também foi diminuindo a pressão para que se reduzisse o déficit. E chegou o momento em que todos viram que, por isso, o Plano não serviu para nada, disse Larry Summers.

Em sua opinião, os organismos financeiros internacionais e os banqueiros privados estão tão interessados num alívio imediato dessa questão da dívida externa quanto o Brasil. Um fato que ajudará o Governo durante as negociações, segundo Summers, é que os projetos brasileiros costumam proporcionar um retor-

no muito mais alto do que os programas desenvolvidos em outros países.

— Eu acredito que, no fundo, há um potencial grande para que se estenda um novo fluxo de dinheiro em direção ao Brasil. E, por isso mesmo, creio que cabe ao próprio País chegar à mesa de negociações com as alternativas que tornem esse investimento mais atrativo para os credores. Sem dúvida, afirmou Larry Summers — ninguém mais está pensando em pacotes como os tradicionais. Por isso, é hora de se pensar em inovações como, por exemplo, a transformação de parte da dívida em investimentos no País.

Para o economista da Universidade de Harvard, todo esse processo representa uma lição que o Governo brasileiro deveria aprender de uma vez por todas:

— Tenho esperança de que os brasileiros estejam aprendendo essa lição, que pode ser resumida num conceito que não deveria ser esquecido. Ou seja: é muito melhor suportar uma dor logo de início do que tentar jogar o sofrimento para a frente. É preferível explicar às pessoas, logo no começo, que todos têm um grande problema a enfrentar e que a sua solução vai causar um certo sofrimento. É mais fácil aceitar essa realidade antes, do que pagar um preço muito mais alto mais tarde.